BOLETIM SEMANAL
DO GABINETE DE ANÁLISES POLÍTICAS

Nº 35/76

ÍNDICE

MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA

A N G O L A NA IMPRENSA NACIONAL

de 2 a 8 de Outubro de 1976

ACTIVIDADES DO MPLA E ORGANIZAÇÕES DE MASSAS

2.10 - A Comissão Directiva Provincial da JMPLA comunica a reorganização da estrutura e faz análise da fraca mobilização de massas.

- P Camarada Beto Van Dúnem, coordenador do DOM/Regional de Luanda, reuniu com os militantes e elementos que participaram na Semana de Trabalho Voluntário, para análise do processo. (Ver ANEXO)

- A Comissão Directiva Regional do MPLA comunica que lhe devem ser enviados dois exemplares de todas as publicações editadas.

3.10 - O Seminário Provincial de Luanda da OPA iniciou os seus trabalhos que durarãodois dias. O Camarada António Jacinto, Ministro da Educação e Cultura, esteve presente à abertura onde abordou a questão da escola dos pioneiros e o problema dos ardinas e engraxadores.

- Uma delegação da OMA encontra-se na URSS a convite do Comité das Mulheres Soviéticas.

5.10 - Os CAL de Bairro, membros da CDRL e do DOM/REG aprovaram uma moção apoando a posição assumida pelos presidentes da "linha da frente" na Africa Austral ; apelando para a luta contra os sabotadores da economia e contra os oportunistas e exprimindo unidade em tornodo Camarada Presidente Neto.

- O "Jornal de Angola" recordou o 5 de Outubro de 1974, quando os soldados angolanos no exército colonialista marcharam sobre o palácio do Alto Comissário, exigindo armas para a protecção dos mussekes contra os ataques reaccionários dos colonos. A tropa portuguesa abriu fogo sobre o povo que avançava atrás da coluna de soldados, causando muitas mortes

6.10 - Foi inaugurada uma "Banca do Militante" na fábrica "Ancotex". Esta banca terá como tarefa principal desenvolver os operários por intermédio da informação e formação política. O Camarada Beto Van Dúnem do DOM/Reg de Luanda referiu a importância da classe operária no futuro do país e consequente necessidade desta avançar ideologicamente.

- O Comité da JMPLA da zona 9 de Luanda promove uma campanha de mobilização, com diversos colóquios e activiades culturais.

- Realizou-se um comício no Bié, promovido pelo DOP/Regional. Estiveram presentes elementos da Comissão Directiva Provincial.

- Terminou o Seminário Provincial de Luanda da OPA, com a leitura das conclusões.

.../...

8.10 - Os Camaradas Pascoal Luvualu, membro do Comité Central, e Zinga Baptista, do DRE, representaram o MPLA na Conferência Mundial sobre Desarmento, realizada em Helsínquia. A delegação fez parte do Comité Director da Conferência, que presidiu.
À chegada a Luanda, o Camarada Zinga fez um balanço da participação e da denúncia contra o pacto do Atlântico Sul, a atitude agressiva da República Sul-Africana e a venda de armamento pela França, o que constitui uma ameaça à Paz mundial.

- O Camarada Pedro Alves, responsável do Secretariado do DRE, regressou de Belgrado, na Jugoslávia, onde participou numa mesa redonda sobre "O socialismo no mundocontemporâneo".

- O Camarada Lúcio Lara, secretário do BP, inaugurou uma banca do militante na "Vidrul", a convite dos Grupos de Acção locais. Na reunião entre o Camarada Lara e os trabalhadores foram focadas dificuldades de transporte para os trabalhadores, falta de cooperativa ou refeitório e falta de apoio dos organismos de massas aos trabalhadores. As declarações do Camarada Lara vêm publicadas em folheto separado.

- Abriu o 2º Curso de Sindicalismo, promovido pela UNTA, em Benguela, com professores vietnamitas.

* * * * * * * * * * * * * * * * * *

ACTIVIDADES DO GOVERNO

2.10 - O Camarada Presidente reuniu com as Comissões Populares de Bairro de Luanda. O abastecimento foi a questão central. Na exposição feita pelo Camarada Neto foi analisada a situação actual, com base em dados estatísticos ; também se frisou que Luanda não deveria açambarcar as atenções dos dirigentes.

- O Camarada Lopo do Nascimento, Primeiro Ministro, visitando a Itália, encontrou-se com o Secretário Geral do Partido Comunista Italiano (PCI) e foi recebido pelo Papa.
Na Conferência de imprensa dada em Roma, o Camarada Lopo fez um historial das relações entre Angola e a Itália a apresentou a posição da RPA sobre a questão da Africa Austral. Reafirmou a recusa do plano de Kissinger por parte dos 5 presidentes e denunciou a criação do Pacto Militar do Atlântico Sul, que integraria os EUA, Brasil, Argentina e Africa do Sul, que pretendem criar um ferrolho em torno de Angola afim de manterem a Africa Austral dominada. Sobre a situação militar interna, referiu-se ao facto de a FNLA estar a receber material de guerra, enquanto a Unita poucas possibilidades teria de continuar a luta.

3.10 - Artigo do "Jornal de Angola" sobre a visita do Camarada Lopo do Nascimento afirma : "Visita oficial à Itália afirma política externa definida pelo MPLA - Quando se definiu a Proclamação da Independência e na nossa Lei Constitucional a política externa da RPA, é muito natural que alguns tivessem pensado que essa definição não passaria de mera demagogia ante a situação difícil em que a independência foi proclamada. A

.../...

verdade no entanto está à vista : abrimo-nos para todos os países, dinamizando as nossas relações certos do que queremos e igualmente certos do que não queremos. "Uma política externa de 'sagesse' como lhe chamou um porta-voz do partido actualmente no Governo italiano"."

- Regressou do Botswana o Camarada Diógenes Boavida, minisro da Justiça que chefiou uma delegação às comemorações da independência naquele País

- O Camarada Lopo do Nascimento chegando de Roma, fez uma exposição à imprensa sobre a sua visita.
No mesmo avião também chegou o Ministro das Relações Exteriores, proveniente de Praia, Cabo-Verde. O Camarda José Eduardo falou do encontro com Aristides Pereira e referiu-se ao reforço da amizade e cooperação entre o PAIGCe o MPLA.
(Lembramos que o Camarada José Eduardo foi a Cabo Verde encontra-se com o Ministro dos Negócios Estrangeiros Português. O comunicado conjunto já fora publicado a 1.10.76)

- Vão reunir as Comissões Nacionais e Provinciais sob alçada da Secretaria de Estado da Indústria, num Conselho Nacional a 5 e 6 de Outubro. Far-se-á a análise do trabalho efectuado.

5.10 - O Ministro da Defesa nomeou os Camaradas Condesse, Alex Rodrigues, Gaspar Ramos, Dibala e José de Matos para Chefes de Gabiente respectivamente de Logística, Inspecção das FA, Direcção Principal de Quadros das FA Análise, Direcção das Academias Militares.

- O Comissário Provincial do Zaire participou num comício em Banza Kimpuanza.

- O Conselho Geral das CPB emitiu um comunicado saudando a viagem do Camarada Presidente à URSS.

- Comunicado oficial anuncia visita do Camarada Presidente à Bulgária.

- Realizou-se no Huambo umcolóquio sobre a aliança FAPLA- Povo.

- O Camarada Contreiras, Comissário Municipal de Luanda, fala ao "Diário de Luanda" sobre a próxima comemoração da independência, sobre as dificuldades das Comissões Popularesde Bairro, abastecimento e limpeza.

- Estão reunidos em Luanda responsáveis provinciais pela campanha de café

6.10 - Comunicado do Conselho da Revolução : foi tratado o problema da alfabetização, aprovou-se a nacionalização de empresas abandonadas, decidiu-se alterar o preço da gasolina e do gasóleo e foi aprovada a Lei da maioridade.

- O Camarada Presidente seguiu para a URSS, acompanhado de numerosa delegação partidária e governamental.

- Realizou-se em Banza Magina uma Assembleia Popular, com a presença do Comissário Provincial. Foram destribuidos géneros aos refugiados.

- Seguiu para o Egipto o futuro embaixador de Angola naquele país, Camarada Miguel Neto.

.../...

- O "Jornal de Angola" reproduz a intervenção do Procurador Militar no julgamento de Calulo. Dois dos réus, Raúl e Icambo, com uma longa lista de crimes, foram condenados à morte por fuzilamento, segundo as leis militares.

7.10 - O Camarada Presidente enviou saudações ao Partido Socialista Unificado Alemão (PSUA), pelo 27º aniversário da RDA.

8.10 - O Camarada Presidente foi recebido em Moscovo pelo Camarada Podgorny, presidente do Presidium do Soviet Supremo ; Gromyko, Ministro dos Negócios Estrangeiros ; Ponomarief, Secretário do Comité Central do PCUS. À noite, durante o jantar em que esteve presente o camarada Leonid Brejnev, este falou para a delegaçao angolana.

- O Ministro da Justiça, Camarada Boavida, falando no encerramento do curso de agentes da Pomícia Judiciária, disse que a polícia não é burocrata, que tem função de autoridade.

* * * * * * * ** * * * * * * * * * * * * *

REALIDADE E RECONSTRUÇÃO NACIONAL

2.10 - A cooperativa impulsionada pela Comissão Popular do Bairro Patrice Lumumba, será inaugurada amanhã. Estarão presentes os Camaradas Pitra, Secretário de Estado do Comércio, o Comissário Provincial de Luanda, Camarada Pedro Fortunato e o Comissário Municipal Vaz Contreiras. Esta cooperativa surge no seguimento do esforço feito para resolver o problema dos abastecimentos.

- O "Jornal de Angola" na "Pepsi, Ldº", uma das três fábricas de refrigerantes de Luanda. Os trabalhadores informaram que houve baixa da produção devido à falta de açúcar e de vasilhame de vidro. Actualmente produzem 100 mil garrafas diárias, mas é possível chegar a 200 mil, com as condições preenchidas. Só três técnicos foram para fora, mas como havia um trabalhador com uma longa prática, não surgiram problemas muito graves.

3.10 - A "Guedal - Comércio e Indústria SARL" apresenta o relatório e contas referentes ao ano de 1975.

6.10 - Iniciou-se o curso de comércio externo que é frequentado por antigos alunos da Escola e Instituto Comercial, bem como por trabalhadores da Direcção dos Serviços de Comércio.

- Texto no "Jornal de Angola" sobre a "LIANGOL" (Liofilização de Angola, S.A.), que desde as confrontações em Julho de 75 está com sectores parados, devido à saída de técnicos, o que impossibilitou saber se as máquinas estavam em condições de funcionar ou não. Os trabalhadores sabem funcionar com as máquinas, mas não trabalham com elas porque se estiverem avariadas podem provocar estragos. Um técnico dinamarquês começou a reparar as máquinas avariadas.

.../...

Enquanto as máquinas estiverem paradas, os trabalhadores continuaram a ensacar a produção do 1º ano, que foi suficiente para o mercado interno e para exportar para Moçambique, e assistiram a aulas técnicas. Esperam-se quatro técnicos dinamarqueses para formarem quadros angolanos e a efectivação rápida da tranferência de divisas para aquisiçao de material vital para o funcionamento.
A "LIANGOL" tem capacidade para produzir 1 200 quilos de café liofilizado por dia, o que preenche as necessidades do mercado interno e dá para exportar.

LUBANGO : Publicado o jornal "A luta continua" pelo DIP Regional.

O Nº 1 de 27.8.76 traz apontamentos sobre a estadia de Paulo Freire, a fim de estudar condições para alfabetização. Traz a relação dos novos Comissários Municipais e de Comuna da Província da Huíla e um artigo sobre "A demacracia na produção". O juramento de bandeira do 1º destacamento das FAPLA treinado na Huila, com a presença do Camarada Iko Carreira, ministro da Defesa. Traz um artigo teórico "Neocolonialismo e imperialismo - a morte, a fome, a alienação" dum estudante de Letras.

O Nº 3, de 10.9.76, faz uma análise do trabalho prático desenvolvido pelo MPLA na Huíla, tanto na organização popular de base como nos esforços para escoar a produção agrícola da província. Artigo sobre as bichas, problemas de abastecimento, EMPA. Texto com dados estatísticos sobre a reconstrução nacional no sector industrial.

O Nº 4, de 17.9.76 traz um editorial sobre o tema da Unidade Nacional. Notícia comemora o 1º aniversário da Rádio Popular de Angola, emissora da Huíla. Na Escola de Regentes Africolas de Tchivinguiro iniciou-se um curso de gestores de empresas agrícolas com 40 camaradas. Texto com dados concretos sobre a reconstrução nacional no ensino.

O Nº 5 de 24.9.76 traz um editorial que denuncia um agente do CPPA que abusou do poder. Uma assembleia de militantes vai reunir a fim de discut r sobre a Comissão Directiva Provincial e a estrutura do movimento. É anunciado o próximo juramento de bandeira de novos elementos da ODP e a abertura de cursos de formação de pessoal de saúde. O artigo habitual sobre a reconstrução nacional aborda a questãp camponesa : o modo como os camponeses dirigem as propriedades abandonadas.

* * * * * * * * * * * * *

DIVERSOS

2.10 - Foi inaugurada em Argel a II Feira Panafricana que conta com a participação de 60 países de Africa, Europa, Asia e América Latina.

5.10 - O Irão compra à frança duas centrais nucleares. (Lembramos que o Irão assinou o tratdo de não-proliferação de armas atómicas).

\- Miguel Trovoada, 1º ministro de São Tomé, foi a Moscovo em trabalho.

7.10 - Está a realizar-se em Argel o II Simpósium Continental sobre a Promoção do Comércio Interafricano.

* *

AFRICA AUSTRAL NA IMPRENSA E RADIO ESTRANGEIROS

A N G O L A

A imprensa portuguesa dos dias 1 e 2 deste mês dão ampla cobertura às conversações entre os Ministros dos Estrangeiros angolano e português, na cidade de Praia, em Cabo Verde. Informam que as condições foram criadas para solução dos problemas econômicos e humanos entre os 2 países e para o estabelecimento de relações diplomáticas. Os títulos desta notícia são optimistas e anunciam a "troca de embaixadores entre Luanda e Lisboa".

O jornal "Le Monde"(França) de 1.10 cita partes do discurso do Cda,Lara no encerramento do curso do DIP, mas refere-se apenas às ameaças externas e as infiltrações referidas no discurso.

Sobre a viagem do Cda,Lopo do Nascimento à Itália :

"Diário de Noticias"(Portugal) de 2.10.76, sob o título "Primeiro Ministro angolano recebido por Paulo VI", fala dos encontros do Cda.Lopo: o papa, o Presidente e o Primeiro Ministro italianos, os secretários dos Partidos Comunista e Socialista ; e das deckarações do nosso 1º Ministro:

-"Foram conseguidos acordos em todos os domínios" (cooperação técnica);
- A política de não-alinhamento de Angola será "intransigentemente anti-imperialista" e embora pretenda boas relações com todos os países, privilegia os países socialistas e o movimento progressista mundial;
-Rejeição do "plano Kissinger" para a Africa Austral e denúncia dos planos para o pacto do Atlântico Sul.

"Diário de Lisboa" de 4.10.76 dá ênfase à denúncia do Pacto do Atlântico Sul, e dá melhor idéia da enérgica recusa do jogo imperialista na Africa Austral, citando textualmente declarações do Cda,Lopo:

- "...as promessas feitas por Kissinger aos povos do Zimbabwe, da Namíbia e da África do Sul são as mesmas que nos foram feitas há muitos anos pelas forças imperialistas e que nos custaram tantos mortos e sacrifícios".
- "na Rodésia, na Namíbia e sobretudo na África do Sul, joga-se hoje o futuro da África... a batalha apenas começou e podem vencer as forças reaccionárias, impondo novas formas de neocolonialismo na África Austral, com o que poriam em perigo o destino de Moçambique, de Angola e de outros países livres e anti-imperialistas do continente". "Mas pode prevalecer os nacionalistas negros e as forças progressistas, assegurando aos povos em luta a plena independência."
- "Assiste-se à infiltração de elementos da FNLA que, a partir do Zaire, atravessam as nossas fronteiras e sabemos que recentemente se constituiram 6 bases de treino no Zaire e nós suspeitamos que grande parte dos elementos da FNLA são na realidade soldados do Zaire".
- "... há alguns focos de resistência (da UNITA) que sobreviveram ao avanço para o sul das forças do MPLA, mas estão agora em vias de serem exterminados, O objectivo dessas infiltrações no Norte e no Sul é criar instabilidade".

++++

A imprensa portuguesa faz eco, no início deste mês, das notícias divulgadas desde a Africa do Sul pelas agências Reuter e France Press, dizendo que atrocidades foram cometidas pelas FAPLA em conjunto com cubanos e combatentes da SWAPO, no sul de Angola, obrigando milhares de crianças e velhos a se refugiarem na Namíbia.Tais notícias foram desmentidas pelo MINFA na semana passada, em comunicado do Director Geral da INFORMAÇÃO. Mas a Rádio Sul Africana continua insistindo a 5.10.76 nas suas mentiras, informando de entrevistas com "refugiados" angolanos localizados em Ovambo (Namíbia) que teriam denunciado a fuga de 4.500 angolanos nos últimos 3 meses e a prisão de vários Padres e Pastores protestantes numa Angola em que, segundo eles, nenhuma religião é permitida.

* * * * * * * * * * * * *

Z I M B A B W E (RODÉSIA)

Uma operação guerrilheria fez explodir uma ponte ferroviária perto de Matezi, a 50 kilometros da fronteira com o Btswana. Onze vagões carregados com cobre que vinha do Zaire em direcção aos portos sul-africanos, foram lançados ao rio, a locomotiva foi descarrilada e 25 metros da ponte foram destruidos. A explosão ocorreu a 6,10 e não fez vitimas. A linha ferrea atacada é uma importante via de liagação entre o Zaire e a África do Sul, por onde escoa o cobre zairense exportado. A linha atravessa a Zâmbia, mas autoridades zambianas negaram que utilizem aquela via de transporte

++++++++

Os enviados inglês e americano, Rowlands e Schaufele, estiveram na Rodésia para conversações com Ian Smith e os líderes nacionalistas Nkomo e Muzorewa. Um comunicado conjunto daqueles enviados com o governo minoritário, anunciaram que a conferência presidida pela Inglaterra terá lugar tão logo as medidas práticas o permitam. Anuncia-se que a conferência poderá ter lugar na 2a,quinzena de outtubro, provavelmente em Livingstone, Zâmbia. Outras especulações dãocomo lugar provável Genebra na Suiça. Ian Smith anunciouque aceita participar desta conferência, enquanto Rowlands deixou claro que tal conferência discutirá a formação do governo provisório enão a constituição.

Além da Rodésia, Rowlands e Schaufele estiveram na Tanzânia, no Botswana, Moçambique e Afirca do Sul, discutindo aquestão da Rodésia.

++++++++

O bispo Abel Muzorewa, fundador do ANC, chegou a Salisbúria a 3.10, depois de mais de um anode exílio. Dezenas demilhares de pessoas receberam-no apoteòticamente nosbairros de Salisburia. Dando uma conferência de imprensa a seguir, Muzorewa declarou que aceitava o "plano Kissinger", "porque a Grã-Bretanha havia convocado uma Conferência Constitucional". Acrescentou que alguns aspectos do plano são "negociáveis". Afirmou ter tido um encontro "muito construtivo" com o inglês Rowlands, negou ter encontrado oamericano Schaufele. Informou ter conversado c om Nkomo e que as suas conversações continuarão em Salisbúria.

++++++++

Joshua Nkomo, chamado pela imprensa ocidental como "líder da facção interna do ANC", declarou que as propostas anglo-americanas tinham sido superadas pelas posições dos 5 presidentes africanos daLinha de Frente. Numa conferência de imprensa em Salisbúria, Nkomo esclareceu queascontradições entre osgrupos africanos ainda não foram resolvidas. Nkomo, que encontrou Mugabe, apontado como o chefe das forças guerrilheiras do ZIPA, em Maputo, Moçambique, realiza viagens às capitais africanas para tentar unificar osnacionalistas e preparar a conferência.

++++++++

Multiplicam-se as declarações das personalidades envolvidas no processo de " "transferência depoderes à maioria africana" do Zimbabwe.

Anthony Crosland, ministro dos estrangeiros britânico, na Assembléia Geral da ONU, afirma que o mundo não sepode permitir deixar perder a iniciativa anglo-americana nas negociações, porque um "conflito catastrófico", nocaso de fracasso nas negociações, ameaçaria a paz mundial.

Kissinger, emconferência de imprensa conjunta com Crosland, em Londres, disse que o "plano" não é seu, mas fruto de conversações entre o seu governo e o da Inglaterra. Que 3 factores foram decisivos para os resultados que conseguira: a colaboração de Vorster, a atitude decidida de Londres e Washington e os graves riscos que fizeram refletir sensatamente o governo rodesiano .
Kissinger afirmou ser importante que seproduzisse uma solução africana do problema e que se devia evitar dar a impressão de que Londres e Washington estavam a dictar condições

Mobutu, o Presidente do Zaire, declarou que apoia "sem reservas" a iniciativa de Kissinger na questão rodesiana.

O ZIPA (Exército Popular do Zimbabwe) lançou umcomunicado em Maputo, capital de Moçambique, em que rejeita "totalmente e na sua globalidade o traiçoeiro esquema de Kissinger... Estamos decididos a travar a luta armada até a vitória final." O comunicado rejeita o prazo de 2 anos para a transferência do poder, exigindo a"entrega imediata do poder político ao povo do Zimbabwe", e rejeita a participação de"qualquer regime reaccionário racista e fascista" nas negociações.

O Presidente da Zâmbia, Kaunda, declarou em Gaberones, capital do Botswana, que poderia haver um lugar para Ian Smith no Zimbabwe, mesmo sob a direcção do Nkomo e Muzorewa, desde que"Smith e seus rebeldes"abandonassem o seuregime. Isto porque o povo africano, conhecendo na carne a discriminação, sabe que é incorrecto e não aplicarão a discriminação quando assumirem opoder,

++++++++++

O"Herald Tribune" (jornal americano editado na França) de 2-3-outubro, publica um artigo de Robin Wright enviado de Salisbúria. Robin Wright é a jornalista americana expulsa há alguns meses de Angola, por ligações com a FNLA e os mercenários.Ela escreve que a resistência anticolonialista do povo do Zimbabwe, especialmente os Mashona, é historicamente insignificante, acrescentando que os Mashona, etnia que reune 3/4 da população africana, são de uma "legendária passividade", o que dá aos brancos esperanças de continarem vivendo no Zimbabwe. O artigo destaca que a Rodésia dispõe de mais quadros negros formados na Universidade do que qualquer outro país africano na ocasião da independência. A Universidade da Rodésia calcula em 4 a 5 mil graduados negros, 80% dos quais formados em universidades estrangeiras. Oanalfabetismo é calculado em 50%.

Uma outra análise do problema rodesiano vem no "Le Monde" de 1.10.76, assinado por Jean-Claude Pomonti. Sob o título "A longa marcha para a unidade dos nacionalistas"fala da importância da unificação ou, pelo menos do acordo numa plataforma comum, entre as facções nacionalistas. Opõe-se às denominações "ala interna" e "ala externa", cujos líderes seriam Nkomo e Muzorewa. Se Muzorewa"escolheu o exílio voluntário há um ano", afirma, o seu Estado Maior permaneceu quase todo em Salisbúria. Outra denominação divulgada pela imprensa ocidental que é incorrecta, segundo o autor, é a de que Nkomo é"moderado", enquanto Muzorewa é "militante", "O bispo metodista (Muzorewa) é, sobretudo, um conservador que, há pouco mais de 2 anos, ainda negociava com Smith o oferecimento de um terço lugares no Parlamento de Salisbúria, feito para os representantes eleitos pela elite africana. Nesta época Nkomo (ZAPU) vivia seu 10º ano de prisão junto a Sithole e Mugabe", dirigentes da ZANU.
O artigo afirma que tanto Nkomo como Muzorewa recrutam seus Estados Maiores na elite africana dehomens de negócios, advogados e fazendeiros. Comenta também os "antagonismos étnicos" entre Mashonas e Matabeles. Estes últimos, 1/4 da população, concentrados no sul e sudoeste, seriam tradicionalmente rivais dos Mashonas, que reunem várias etnias de mesma língua, de onde provêm os líderes Mugabe, Sithole, Muzorewa,etc. e onde a ZIPA recruta mais combatentes. Nkomo, que segundo a análise, tem pontos de vista economicos mais liberais, é da etnia Matabele (ou Ndebele).

* * * * * * * * * * * * * *

A F R I C A D O S U L

A República Sul Africana aumenta suas despesas militares (VER ANEXOS)

Oliver Tambo concedeu umaeentrevista ao "Le Monde" (6.10.76) em Gaberones. O Presidente do ANC reafirma que"a nossa situação é igualmente a de um povo colonizado", tal qual na Rodésia e na Namíbia. Alguns trechos das suas declarações:

"Desde o banimento do ANC não existe na África do Sul uma estrutura política capaz de organizar uma mobilização de massas. O ANC actua por via de panfletos, pelo rádio ou graças à sua implantação clandestina, mas não tem meios de chegar à população como o fazem os estudantes nos comícios."

"Os jovens (de Soweto) reagiram à situação de maneira espontânea, sem seguir uma linha bem definida. Eles carecem de organização política. Seu movimento é significativo e importante, mesmo se não foi planejado pelo ANC".

"O desenvolvimento da luta na África do Sul trará sérios problemas à manutenção de um Estado auto-denominado independente no Transkei".

* * * * * * * * * * * * *

N A M Í B I A

SAM NUJOMA, Presidente da SWAPO, visitou Cuba durante 6 dias tendo conversado com Fidel Castro. Declarou que eSpera continar tendo o apoio de Cuba à SWAPO

* * * * * * * * * * * * * * *

B R A S I L E O ATLÂNTICO SUL

Declarações do Ministro de Relações Exteriores brasileiro, Azeredo da Silveira, condenam a governo da África do Sul e o apartheid e negam que o seu país participaria de um pacto militar do Atlântico Sul (Ver nosso boletim anterior, nº 34/76). Enquanto isso, a imprensa brasileira critica a política externa do seu governo, hostiliza Angola independente e defende uma maior "defesa" do Atlântico Sul:

"Jornal do Brasil" 23.9.76 (Editorial): lembra que o Brasil mantém "relações correctas" com a África do Sul, condenando a forma como o Ministro Azeredo da Silveira refere-se a esse país e comparando as suas declarações às posições emitidas pelo "Izvestia"(soviético). Sua conclusão:

"Muito embora o repúdio ao apartheid esteja enraizado na consciência de todos nós, é preciso atentar para o facto de queigualmente repuganante, e além disso, perigosa para a nossa segurança, é a instauração de regimes tão comprometidos com o desrespeito às mais elementares liberdades humanas como o quefoi instituido em Angola, a apenas algumas horas de vôo de nossas costas, com a intervenção ostensiva da União Soviética e de Cuba.

"Aliás, a única restrição que não se pode fazer ao Chanceler Silveira é a de falta de coerência. A sua reacção a um eventual pacto de defesa do Atlântico Sul é perfeitamente consentânea com a precipitação eo açodamento com que a Chancelaria brasileira reconheceu o MPLA..."

"O Estado de São Paulo" 24.8.76 (Editorial): define a política do Itamaraty (Ministério de Relações Exteriores do Brasil) como "afã de agradar aos árabes, na esperança de receber em troca investimentos de petrodólares,e de atender aps desejos dos africanos mais engajados, que já se integraram no mundo insuperavelmente hostil ao Brasil". Argumentando com o controlo do caminho atlântico do Petróleo vindo do Oriente Médio, pelos russos, critica a negligência do Itamaraty pelos"problemas vitais da Segurança Nacional", num momento em que "O Brasil ficará ao alcance dos aviões de longo raio e -foguetes que os russos estão empenhados em instalar nas novas bases"(Angola). E termina defendendo a visão dos mili-

tares sobre a questão :

"Ainda no ano passado, o almirante Ibsen de Gusmão Câmara, na presença do Presidente Geisel, chamou a atenção para a nova situação do Atlântico Sul, denunciando "o fortalecimento gradativo, nesta área oceânica contígua ao nosso território, de forças aeronavais e instalações tradicionalmente estranhas ao cenário geopolítico". O almirante Roberto Mário Monerat, ao assumir o cargo de comandante-chefe da Esquadra, referindo-se à importância vital da rota do cabo da Boa Esperança disse que hoje essa é "a zona de maior estrangulamento do tráfego marítimo mundial, que é de maior interesse para o nosso País" e duja defesa constitui a maior tarefa da nossa Esquadra."

* * * * * * * * * * * * * * *

D I V E R S O S

7.10 - Portugal (Reuter): conflitos raciais entre mineiros caboverdeanos e portugueses na mina de carvão Panasqueira, perto da Guarda, provocaram a morte de 2 caboverdeanos e dezenas deferidos. A mina de Pnaasqueira emprega 1.500 operários, entre os quais muitos caboverdeanos, que estão sendo transferidos para Lisboa depois dos incidentes.

7.10 - Irão (Reuter): O Presidente da França, Giscard D'Estaing, deu uma conferência de imprensa na capital do Irão, Teerã, em que anunciou a conclusão de acordos num total de 40 mil milhões de francos franceses (cerca de 260 milhões de contos), para a construção de 8 centrais nucleares pela França no Irão.

7.10 - Nigéria (France Presse, citado por Reuter): o governo militar nigeriano divulgou hoje formalmente o projecto de nova constituição que será debatido pelo povo antes da sua adopção, em 1979, ocasião planejada para o retorno ao governo civil. Um secretariado foi formado para receber e coletar as emendas propostas pelo público até a a aprovação final da Constituição por uma Assembléia Constituinte.

7.10 - Nações Unidas-EUA (Reuter): A Assembléia Geral, com a aprovação de 145 nações, condenou as "intoleráveis condições que continuam a prevalecer na África Austral", incluindo o apartheid, e decidiu promover no Ghana, em 1977, uma conferencia para mobilizar a opinião mundial contra o racismo e o colonialismo. Metade dos custos desta conferência (total estimado em 320.200 dólares) serão pagos com fundos oficiais das Nações Unidas.

GAP comenta: A ONU que decidiu que a Africa do Sul devia retriar-se da Namíbia até 31.8.76 e foi "desobedecida", agora se limita a financiar "conferências para mobilizar a opinião pública".

8.10 - India (Reuter): A Primeiro Ministro Indira Gandhi, partiu hoje para uma viagem de 10 dias a Zâmbia, Tanzânia e Ilhas Mauricias.

8.10 - Inglaterra (Reuter): o governo britânico concedeu uma ajuda para o desenvolvimento do Zaire, no valor de 2 milhões de libras esterlinas. O Ministro dos Estrangeiros zairense, Nguza Karl-i-bond, encontra-se em Londres para assinar o acordo e discutir problemas da África Austral com o governo britânico.

* *

A N E X O S

"Angola na Impmensa" - Nº 35/76

ENTREVISTA DO MINISTRO DA DEFESA DOS E.U.A., RONALD RUMSFELD, A REVISTA ALEMÃ "DER SPEIGEL" - 27.9.76

Spiegel : Senhor Ministro, os EUA aumentaram as suas despesas militares - fificando com o maior orçamento da sua História, em tempo de paz. Isto - em face dos poderosos eqforços de aramamento russos - não dá o quadro sinistro duma nova corrida ao armamento, como nos anos 50 ?

Rumsfeld: Deixe-me primeiro rectificar a sua opinião sobre o tamanho do actual orçamento militar americano. O orçamento de 1976 só é o maior em época de paz tomando por base o actual valor do dólar. Tomando por base porém o valor real de compra e eliminando a taxa de aumento dos preços, o orçamento fica 14 % abaixo donível dos começos dos anos 60, antes da guerra do Vietnam.

Além disso, o orçamento para a Defesa em 1976 corresponde à percentagem mais baixa que as despesas para a Defesa tiveram no produto nacional bruto, à percentagem mais baixa das despesas do Estado e à percentagem mais baixa no orçamento federal desde a entreda dos EUA na 2º guerra mundial. Tudo isto em relação com os crescentes esforços soviéticos, é a razão por que foi preciso aumentar o orçamento militar para 1977.

Spiegel : Mas isto sempre lhe permite adquirir esquadras inteiras de novos bombardeiros, foguetões e submarinos.

Rumsfeld: Eles mal representam um aumento numérico das nossas forças armadas. Destinam-se, antes pelo contrário, a substituir sistemas de armas já existentes que chegam ao fim do seu período de duração, e a modernizar as nossas forças armadas, a fim de manter a sua força de persuação numa altura em que a URSS reforça significativamente as suas forças militares, quer em número quer em qualidade.

Para nós é preciso manter a força e o modernismo das nossas forças armadas, visto que (...) os soviéticos aumentaram as suas. Para além disso, a URSS desenvolveu a capacidade de utilizar a sua força militar também muito longe do continente auro-asiático.

(...) Dentro dum futuro breve estamos confrontados com um Mundo em que se multiplicarão o número de regiões que, potencialmente, podem tornar-se focos de tensão internacional e nas quais se mantêm, por isso, a necessidade de forças armadas fortes, tanto para os EUA como para os seus aliados.

Spiegel : Há pouco tempo, o senhor foi o primeiro ministro da Defesa dos EUA que viajoupara Africa e prometeu ao Kénia e ao Zaire que os armaria com armasmodernas americanas. Será objectivo seu compensar a presença de armas soviéticas altamente desenvolvidas na Somália e em Angola ?

.../...

Rumsfeld: (...) quanto às"promessas"ao Kénia e ao Zaire ....O governo do Kénia e o do Zaire convidaram-me para eu discutir com eles as necessidades da sua defesa, numa visita com representantes competentes do meu governo. Assim sucedeu que eu fui o primeiro ministro da Defesa dos EUA a fazer uma visita a Africa. Isto estava adeuqado visto que, anteriormente, os dois países tinham feito combinações com o governo dos EUA sobre créditos para o Foreign Military Sales (FMS) e sobre auxílio de instrução.

Spiegel : E não chegaram a cordos ?

Rumsfeld: Não assinámos acordos quanto a determinados armamentos para o Kénia nesta altura, embora tenhamos discutido, em resposta a uma pergunta durante alguns meses a venda de aviões F-5E ao Kénia.

Spiegel : E o Zaire ?

Rumsfeld: O Zaire fez compras, utilizando créditos da FMS, desde o ano orçamental de 1971 e está utilizando o crédito do ano orçamental 1976 para adquirir adicionalmente aviões C-130, aviões de instrução, veículos e aparelhagem de comunicação. A venda de equipamento militar a ambos os países será feita, de futuro, sòmente à base de pedidos específicos por representantes competentes do Governo e será estudada pelo governo dos EUA, assim como pelo Congresso, se se tratar de objectos de equipamento importantes.

Spiegel : Será que a Africa se tronará rapidamente numa nova zona de perigo, numa nova região do conflito Leste-Oeste ?

Rumsfeld: O Governo dos EUA espera que isto não acontecerá. Nós julgamos que as nações africanas deveriam ser livres do poder militar estrangeiro ; livresde determinarem elas próprias o seu futuro. Só então serão livres para encontrarem soluções africanas para problemas africanos,para as improvisar e aplicar.

Spiegel : Quel a sua opinião sobre o que aconteceu em Angola ?

Rumsfeld: Em Angola, a União Soviética forneceu armas e Cuba enviou uma força expedicionária para impôr uma solução num conflito interno. Isto não era correcto. Nós estamos contentes por os africanos, ao que parece, se decidiram a favor de uma política que impedirá forças vindas de fora, a favorecer, por meio de auxílio, um movimento de libertação contra outro - o que ajudará a impedir novas Angolas.

Spiegel : EM Angola, soldados cubanos conquistaram uma testa de ponte em Afri Também se sabe da presença de tropas cubanas em outros países africanos. Significa esta legiãovermelha que opera fora da responsabilidade evidente da União Soviética, uma ameaça para o equilíbrio de forças ?

Rumsfeld: Não há dúvida que acções militares dos cubanos, na extensão das que foram realizadas em Angola, requerem fornecimento de material e auxílio financeiro por parte dos soviéticos. Para mim é um facto assente que o engajamento dos cubanos em Africa é feito com o apoio e o encorajamento da União soviética. A gente não pode ignorar o poder militar dos cubanos. Enquanto milhares detropas de combate cubanas estivarem estacionadas nocontinente africano, como é o caso - elas não regressaram a Cuba - existe o potencial para impedir soluções africanas para problemas africanos.

.../...

Muitos dos vizinhos de Cuba no hemisfério ocidental estão preocupados com esta ostentação consciente da predisposição de Cuba para utilizar forças militares fora das suas fronteiras. Enquanto Cuba agir como substituto ou representante dos soviéticos, tal facto prejudica obvia e forçosamente as relações bilaterias dos EUA com a URSS.

Spiegel : Os EUA avisaram Fidel Castro do perigo de outras intervenções militares no hesmisfério ocidental. Mas se Castro decidir amanhã mandar os seus "mercenários" em auxílio dos guerrilheiros na Rodésia ou na Africa do Sul, como é que então a superpotência EUA poderia fazer para este procedimento, sem uma vez mais tomar um engajamento como no Vietnam ?

Rumsfeld: Eu não creio que seja uma boa analogia comparar o engajamento dos EUA no Vietnam, com medidas que os EUA poderiam tomar para se opor a uma intervenção cubana em Africa. Nós nunca propusémos utilizar forças armadas dos EUA em Africa e também presentemente não estamos a pensar em tal.

Há, no entanto, todo um número de opções de que dispomos para o caso de os cubanos ou quaisquer outros representantes da União Soviética continuarem a seguir uma política militar intervencionista em Africa. O povo americano, pela sua própria história, tem plena consciência da importância da luta pela independência, liberdade pessoal, progresso económico e dignidade humana.

Spiegel : O senhor podia imaginar uma situação na qual forças armadas dos EUA teriam que intervir militarmente num país africano ? Depoisde Angola, Kissinger disse : " Não faz sentido apregoar a superioridade estratégica e fazer ao mesmo tempo retiradas regionais".

Rumsfeld: Os EUA têm relações bilaterias estreitas e amigáveis com muitos estados africanos. Mas não temos acordos de defesa bilateral com Estados africanos. É muito improvável que os Estados Unidos enviem forças militares para Africa.

Spiegel : Os EUA não esperam grandes confrontações em Africa.

Rumsfeld: Nós não procuramos uma confrontação das grandes potências neste continente. Os EUA estão a favor de soluções africanas para problemas africanos. Os EUA apoiam os seus amigos africanos perante a opinião pública mundial e concederam, a pedido, auxílio no campo da segurança, para promover e manter a estabilidade regional em Africa.

Spiegel : Con ederam os EUA auxílio deste tipo ainda a outros países, além dos já mencionados - Kénia e Zaire ?

Rumsfeld: No ano financeiro de 1976, os EUA deram auxílio no campo da segurança à Etiópia, ao Ghana, à Libéria, ao Marrocos, ao Senegal e à Tunísia.

Spiegel : Castro declarou em 26 de Julho que as suas tropas e armas permaneceriam em Angola por tempo indefenido - ao contrário das suas declarações anteriores de queia começar a retirá-las. Quais são na sua opinião, as razões destas alterações nos planos de Castro ?

Rumsfeld: Acções fazem mais barulho que palavras. Eu não estou convencido de que a declaração de 26 de Julho represente uma alteração essencial dos planos. Tem que se pensar na situação em que uma tal declaração foi feita

.../...

As decalrações anteriores sobre uma retirada dos cubanos vieram logo a seguir à vitória militar em Angola e ao encontro de ministros do Comité Coordenador do 3º Mundo e precederam o requerimento de Angola para entrara como membro da ONU. As declarações de 26 de Julho foram feitas enquanto o primeiro Ministro Castro e o Presidente Neto apareceram juntos em Cuba, onde falaram em festas do 23º aniversário da Revolução de Castro.

Nas últimas semanas tem havido mais relatórios acerca do regresso a Cuba de miliatres cubanos. Por outro lado há índices de que técnicos e possivelmente forças de combate anti-guerrilha são mandadas de Cuba para Angola. Tanto Castro como Neto mencionaram que "bandidos" eram um problema em Angola, referindo-se provàvelmente às contínuas actividades da FNLA e da Unita em muitas partes de Angola.

Castro declarou também que pessoal cubano participará na estruturação e instrução das Forças Armadas do MPLA, na formação de quadros contra sabotagem e terrorismo, para os Serviços de Saúde pública, para trabalho de reconstrução e auxílio na agricultura. Enquanto o número "neto" da presença cubana em Angola pode diminuir um pouco, fica no entanto no país uma força militar de unidades prontas para o combate, de tamanho razoável - as forças expedicionárias cubanas.

Spiegel : Há, no seu ministério, planos de como se poderia agir contra a contínua presença de uma força militar cubana em Angola, ou como se poderia compensá-la ?

Rumsfeld: Nosnossos planos tomamos em conta, evidentemente, factores como uma presença prolongada de uma grande número de cubanos em Angola - as unidades de combate e os conselheiros militares. Eu devia porém acentuar que os EUA não têm quaisquer planos para acções militares em Angola.

Estamos conscientes da preocupação de diversos países africanos com a considerável força expedicionária dos cubanos em Angola. Não há uma justificação para a contínua presença de uam potência estrangeira armada e tão grande num Estado africano realmente independente.

Spiegel : Muitos peritos militares não têm uma ideia clara sobre as verdadeiras intenções dos russos em Africa, ao estabelecerem pontos de apoio na Somália, em Angola e em Moçambique. Será que tentam apenas aproveitar-se de um vacuo do poder, ou fará isto parte dum plano estratégico a longo prazo - talvez em relação com a construção de uma enorme frota do alto mar ? Como é que o senhor e os seus militares analisam isto ?

Rumsfeld: Os soviéticos engajamam-se há duas décadas em Africa - num esforço para reduzir a influência do Ocidente e dos chineses, de obter apoio africano para os objectivos do comunismo mundial e obter acesso a pontos de apoio estratégicos. A URSS concedeu auxílio militar a 17 Estados africanos e tem acesso a pontos de apoio permanentes em dois Estados - a Somália e a Guiné. Pontos de apoio soviéticos na Somália proporcionam à Rússia um considerável poder no Oceano Índico e no Golfo Pérsico. Adicionalmente, as forças armadas soviéticas podem obter a capacidade de interromper as vias de navegação através do mar vermelho e do canal de Suez. Um maior aperfeiçoamento dos pontos de apoio soviéticos na Guiné ou possìvelemente em Angola podia-lhes proporcionar a capacidade de interromper a navegação em frente ao Cabo da Boa Esperança e no Atlântico.

.../...

Speigel : Em que ordens de grandeza pensam os soviéticos, neste conjunto ?

Rumsfeld: A URSS pensa inequivocamente em ordens de grandeza geopolíticas globais.

Spiegel : Pode explicar isto mais detalhadamente ?

Rumsfeld: Com isto, eu quero simplesmente dizer que as actividades soviéticas em Africa têm efeitos que ultrapassam de longe os limites deste continente ou as relações soviéticas com a Africa em si. Como já mencionei, a capacidade de, a partir de certos pontos de apoio africanos, interromperas vias marítimas, podia ter um efeito prejudicial sobre a capacidade dos EUA e dos seus aliados de manterem abertas e seguras estas linhas de comunicação por viado Atlântico Norte e outras vias marítimas.

(...)

* *

EXTRACTOS DAS PALAVRAS PROFERIDAS PELO COORDENADOR DO DOM/REGIONAL DE LUANDA, AO ANALISAR A "SEMANA DA PRODUÇÃO" - 3.10.76

Camaradas operários,

Toda a nossaorientação, em todos os capítulos da nossa vida como Nação deve inspirar-se nas nossas experiências, de pois de analisadas, criticadas e teorizadas.

Se defacto estamos decididos a engajar-nos totalmente na Revolução cujo desenvolvimento depende a criação do Homem novo ; se queremos na realidade transformar a nossa sociedade e eliminar os seus aspectos negativos, temos que começar por transformar-nos, tornando-nos, na prática e na teoria, detentores de uma mentalidade nova, despida de egoismos, ambição e espírito individualista. (...)

Especificamente, em relação à Semana de Trabalho Voluntário , apesar de já muito se ter dito, vamos aproveitar a oportunidade para fazer algumas considerações em torno dos dados que temos Os números que em seguida passamos a apresentar, são apenas alguns dos que nos foram entregues, mas que servirão para exemplificar as observações que queremos fazer. (...)

Assim, por exemplo, a CEPA fez a incubação de cerca de 35 800 ovos nas três horas de trabalho voluntário, contra os 51 400 que faz, geralmente, nas 8 horas de trabalho normal. Do mesmo modo a TEXTANG, que normalmente produz perto de 14 mil metros de tecido diários, produziu em cada dia de trabalho voluntário (nas três horas) 13 230 metros,

Outros números : 1980 catanas produzidas pela firma F. RAMADA ; 27 360 caixas de fósforos pela IFA ; 22 viaturas reparadas na UNIÃO ; 680 pares de calças elaboradas na ONLY e 605 camisas na SOVEST. (...)

O facto, por exemplo, de se ter constatado maior produção nas horas de trabalho voluntário do que se verifica todos os dias nas horas normais de trabalho, não significa motivo de orgulho para ninguém. Significa apenas que demonstramos, na prática, ser possível produzir mais, e que não o fazemos apenas por preguiça.

Este aspecto, evidenciado durante o trabalho desenvolvido na semana, é ,

.../...

pois motivo de reflexão para todos e fica à vossa consideração. (...)

Dos objectivos políticos e económicos que durante a Semana de Trabalho Voluntário fomos definindo, e dos quais fizemos um balanço no seu encerramento, afirmamo-lo novamente terem sido atingidos em grande parte, e reafirmamos ter sido a Semana uma jornada de determinação, uma prova de organização, em que a disciplina e a consciência não se dissociaram.

E apesar das falhas que houve - porque há semprefalhasno início de qualquer processo - põe-se apenas a questão de compreendê-las, reconhecê-las, emendalas e passá-las do domínio da experiência ao do conhecimento. (...)

Liquidar a preguiça, para pôr fim à miséria ; esmagar o oportunismo para se cimentarem laços de camaradagem ; colocar a ideologia da classe operária na condução da luta de classes - para se progredir cientìficamente - são as condições imprescindíveis para a vitória. (...)

* * * * * * * * * * * * * * *

"O MUNDO DIPLOMÁTICO" DE SETEMBRO/76 : A NOVA POLÍTICA DOS ESTADOS UNIDOS EM ÁFRICA (Como Kissinger pensa "libertar" o continente da "intervenção estrangeira")

(...)
Na realidade, a "nova" política africana dos Estados Unidos corresponde ao desenvolvimento dos interesses americanos em África, que não deixam de se ampliar, Quatro vezes mais elevados do que há 20 anos, os investimentos directos dos Estados Unidos no continente negro atingem presentemente quase 4 mil milhões de dólares e o comércio com a África representa 12 mil milhões de dólares, Por outro lado, os Estados Unidos dependem da África em inúmeros abastecimentos de matérias primas importantes: 35% dos seus diamantes, 30% do café, 30% da platina, 20% do mercúrio, 10% do caoutchu natural, 47% do cobalto, cerca de 40% do magnésio, 47% do crómio e quase 8% do alumínio, Cerca de um terço das importações americanas de petróleo provêm da Nigéria(750.000 b/pd). Por seu lado a África do Sul representa talvez a mais forte concentração de riquezas minerais, Quase metade dos investimentos americanos em África encontram-se na África do Sul , ou seja, 1,5 mil milhões de dólares em 1974, onde crescem a um ritmo de 20% ao ano,
(...)
O discurso de Lusaka (Kissinger,27.4.76) revelou as características da nova política - estritamente ligada à conjuntura do ano eleitoral nos Estados Unidos. A tónica incidia na necessidade de uma transição pacífica para a aplicação da regra da maioria negra na Rodésia (Zimbabwe), e, com menor insistência, na Namíbia. No que diz respeito à África do Sul, a América reafirmava a sua hostilidade ao apartheid e pedia que fosse posto "fim à desigualdade institucionalizada", considerando que esse país constituiu um caso diferente dos da Namíbia ou Rodésia e que. consequentemente. a aplicação da regra da maioria não era aí um problema urgente,
(...)
Kissinger havia descrito essa estratégia doseguinte modo:"A questão que pretendo elucidar, diz ele, consiste em saber se a África do Sul está preparada para separar o seu próprio futuro do destino da Rodésia e da Namíbia". E acrescentou que, se efectivamente assim fosse, isso fortaleceria a idéia de que a África dp

Sul "é um país africano, e que a sua evolução pode realizar-se mais lentamente, e segundo métodos diferentes".

Reposta no contexto dos sangrentos tumultos de Soweto, que alastraram por toda a África do Sul, esta subtil distinção entre a Rodésia e a África do Sul perdeu muito da sua força de convicção,

(Rodésia): concebido com base no esquema de descolonização do Quénia, esse plano é designado nos meios oficiais do departamento de Estado sob o nome de "modelo queniano": ele prevê a criação de um fundo de 500 milhões de dólares financiado pelos britânicos e pelos americanos, que teria por fim a compra das terras/aos fazendeiros brancos e facilitar a sua revenda aos africanos,ou seualuguer se tal fosse o desejo dos proprietários brancos, Disposições semelhantes foram estabelecidas para os negociantes brancos... serão também dadas garantias quanto aos direitos de reforma dos funcionários. A questão que se levanta , contudo, consiste em saber se existe, no futuro do Zimbabwe, um Jomo Kenyatta capaz de fazer aplicar este plano,
...
Quanto à Namíbia, note-se que a América se limita a desejar eleições livres "sob a vigilânciada ONU": a omissão de qualquer referência ao "controlo" da organização internacional poderá vir a ser uma nova fonte de complicações para o futuro do território - ela evidencia- em todo o caso- as divergências de pontos de vista entre os Estados Unidos e a ONU quanto aos destinos da Namíbia,(...) esforçar-se-iam (Depto,Estado, Vorster e responsáveis brancos da Namíbia) por provocar uma cisão da SWAPO, exercendo sobre ela pressões para a levar a aceitar negociar a formação de um governo maioritário de coligação. No entanto, face à intensificação das actividades do movimento nacionalista nas frentes militar e diplomática, todas as partes interessadas acabaram por tomar consciência da necessidade de associar a SWAPO a qualquer fórmula de regulamentação que mereça crédito na cena internacional.

Para já, o Departamento de Estado estabeleceu contactos com personalidades bem colocadas na Namíbia e na Rodésia, na previsão da independência, e espera-se que a Agência americana para o desenvolvimento internacional (AID) anuncie nas próximas semanas o lançamento de programas de auxílio destinados à formação de rodesianos e namibianos negros,
(...)
E se a estratégia americana na África Austral foi concebida para servir ps designios da América apoiando-se num aliado regional - Pretória, no caso - a política seguida na Africa central inspira-se nos mesmos princípios.
Rumsfeld afirmou acerca da sua viagem que ela testemunha uma "preocupação crescente" face à influência soviética em África, preocupação que levou os Estados Unidos a concluir em matéria de armamento os mais importantes contratos que jamais foram estabelecidos com a África negra: os acordos prevêe m a venda de aviões ao Quénia, num quantitativo de 75 milhões de dólares e o fornecimento de 52 milhões de dólares de equipamento militar pesado ao Zaire. O contrato de 52 milhões ultrapassa por si só o montante de toda a ajuda militar ao Zaire em 1975 (uma ajuda militar de urgência de 19 milhões de dólares tinha-lhe sido concedida em fins de 1975 durante a crise angolana), o que mostra a importância dos contributos americanos ao Zaire (800 milhões de dólares sob a forma de investimentos, créditos, etc.) e do papel estratégico potencial desse país como fornecedor de matérias primas.
(...)
No entanto, os Estados Unidos e o Ocidente em geral continuam a dar-se com Pretória, não obstante um reforço do aparthcid no interior do próprio território sul-africano, como o demonstram o aumento de 42% do orçamento de defesa para 1976 e a adopção, precisamente nas vésperas da revolta de Soweto, da lei da segurança interna. Os Estados Unidos ainda não tomaram posição sobre o programa dos bantustões do governo sul-africano... Mas prevendo a continuação do boicote militar à África do Sul, a Military Review, publicação do exército america-

no, já sugeria recentemente a instalação de uma base militar no Transkei após o seu acesso à "independência"...

* * * * * * * * * * * * * *

FORÇAS MILITARES NA AFRICA AUSTRAL

"Jornal do Brasil" 19.9.76 ("Africa em Armas") :

Pesquisa publicada pelo Instituto Internacional de Estudos Estratégicos de Londres no último relatório anual, demonstra que a maioria dos países do Sul e Leste africanos estão empenhados em grande corrida armamentista. Este aumento e reforço do potencial militarse nota particularmente na África do Sul e Rodésia, onde também se agrava cada vez mais o problema do choque entre negros e brancos. O governo de Pretória continua, em ritmo acelerado, as suas aquisições de material naval francês, construindo em territorio africano tanques blindados e aviões. O orçamento de defesa da África do Sul passou de 332 milhões de dólares em 1975, para 1 bilhão 494 milhões em 1976. A tendência de crescimento militar também é assinalada nos estados negros, que procuram contrabalançar, na medida do possível, o poderio dos Governos brancos. A Tanzânia, por exemplo, que contava apenas com 4 batalhões de infantaria em 1975, actualmente possui sete, sendo que 2 desses encontram-se estacionados permanentemente em Moçambique.

"Diário de Lisboa" 4.10.76 ("Washington insiste com o "eixo" do Atlantico Sul):

No Vietname a guerra era conduzida por um corpo expedicionário dos Estados Unidos de 500.000 "punidores" profissionais. A aviação dos Estados Unidos dominava os ares, enquanto a sua frota bloqueava as constas da Indochina. Ora acontece que os racistas não dispoel de taus meios...

Segundo a Imprensa, o exército sul-africano contava até há pouco com cerca de 15,700 militares de carreira (para 90.000 aptos para todo o serviço. As tropas regulares da Rodésia dispoem de 5,700 soldados e oficiais, aos quais é preciso juntar 10,000 reservistas noactivo. As suas armas estão longe de serem modernas. Os dois regimes dispoem ainda de corpos de Polícia (35.000 na RSA e 5.000 na Rodésia) e forças de segurança (a "Guarda Nacional" sul africana com75.000 homens e as reservas da Polícia rodesiana com 35.000 homens). No entanto, as autoridades não podem contar com os africanos e mulatos que mobilizam. Como pode Vorster incorporar muitos soldados brancos, se a população branca ascende unicamente a 4,2 milhões de habitantes? Ora, no país vivem e lutam pela liberdade 18,1 milhões de africanos, com os quais os "homens de cor" (mulatos) e os originários da Ásia se mostram solidários.

Aliás a efervescência entre os brancos da RSA agrava-se: os Afrikaners entendem-se mal cpm os descendentes dos ingleses - e entre os jovens crescem sentimentos anti-racistas. No que toca à Rodésia (cerca de 6milhões de africanos e 300 mil brancos) assiste-se ao princípio de um êxodo de colonos europeus.

A "perda" da RSA privaria os monopólios internacionais e a sua estrategia global de uma testa de ponde militar e política bastante importante entre os oceanos Índico e Atlântico. Veriam comprometido o controlo pelo Ocidente sobre riquíssimos recursos, recursos esses nada desprezíveis se atentarmos na prolongada crisd de matérias-primas que atravessa o Ocidente.
(...)
O mais perigoso é que não lhes forneçam apenas armas clássicas, mas também meios para a eventual fabricação de armamento nuclear. A França, por exémplo, entregou ao regime de Pretória reactores atómicos

* *

G.A.P. 11.10.1976